GOVERNO DE PORTUGAL | SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO E DA DEFESA NACIONAL

INTERVENÇÃO DO

SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO E DA DEFESA NACIONAL

PAULO BRAGA LINO

COMEMORAÇÕES DO DIA DO COMBATENTE, EM FRANÇA

Richebourg/La Couture, 13 de abril de 2012

Monsieur le Préfet du Pas-de-Calais
Senhor Embaixador de Portugal em França
Madame la Sous-Préfète de Béthune
Senhor General Representante militar de Portugal junto da OTAN e da UE
Madame la Conseillère Générale, Maire de Cambrin
Monsieur le Maire de Richebourg
Monsieur le Maire de La Couture
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Murça
Senhor Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes de Portugal
Senhor Cônsul Geral de Portugal em Paris
Senhor Adido de Defesa de Portugal
Messieurs les Généraux
Messieurs les représentants d'autres Autorités Militaires, Policières, Civiles et Religieuses
Mesdames et Messieurs Représentants des Associations d'Anciens Combattants
Mesdames et Messieurs,

É com enorme honra que participo nas Comemorações do Dia do Combatente, em França, que assinalam, hoje, a passagem de 95 anos da Batalha de La Lys.

Quero começar por agradecer, e reconhecer publicamente, o trabalho e o empenho de todos aqueles – Governo e Autoridades Francesas, Embaixada de Portugal em Paris, Forças Armadas Francesas e Forças Armadas Portuguesas, Liga dos Combatentes, Associações de Combatentes e Comunidades Locais – que, ao longo de quase um século, têm permitido manter viva a memória de todos aqueles que combateram numa batalha que constituiu um marco relevante na Guerra de 14-18.

Conflito que, pela inédita dimensão global que teve, foi designado de Grande Guerra, mas que a frágil memória dos homens obrigaria, 21 anos depois, a consagrar historicamente como a Primeira, perante a eclosão de novo conflito mundial entre 1939 e 1945.

As características que fizeram desta uma Grande Guerra não foram, apenas, a vastidão do teatro de operações em que a mesma decorreu, ou a multiplicidade de Estados que nela intervieram.

Foi, também, o número de soldados que a viveram e nela combateram. E que nela morreram, foram feridos ou ficaram com sequelas para o resto das suas vidas. O que a tornou numa guerra sangrenta como a Humanidade até então não tinha conhecido.

Aqui, nos campos da Flandres, no dia 9 de abril de 1918, mais de 7 mil soldados portugueses perderam a vida ou ficaram feridos.

Num esforço e sacrifício tremendos, mas que terá sido decisivo para a vitória estratégica dos Aliados.

Ao ouvirmos o toque de silêncio e o toque de alvorada, é com profunda emoção que evocamos todos os soldados portugueses que combateram em La Lys.

Foi a coragem destes militares, a sua determinação, o seu sacrifício pelo bem da Humanidade que permitiu a paz, a liberdade e a justiça na Europa e no Mundo, no início do século XX.

Ao fazê-lo homenageamos, igualmente, os familiares de todos os que aqui combateram, e que sofreram diretamente com o destino dos seus pais, filhos e maridos.

Também eles estiveram na frente de combate, sofrendo com o destino das batalhas, dos exércitos e dos soldados.

Também eles merecem o profundo respeito da Nação.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Sei que a dívida da Pátria para com os seus Combatentes jamais poderá ser saldada.

Sei que os Combatentes sofrem, ainda, com dificuldades na plena aplicação do estatuto a que têm direito.

Sei que os sinais públicos de reconhecimento nacional pelo contributo dos Combatentes devem ser claros e devidamente assumidos.

Por essa razão, manter e acarinhar estas Comemorações constitui um ato de justiça perante o passado e todos aqueles que estiveram presentes no teatro de operações.

Ato de justiça para com os soldados que, há 95 anos, se enfrentaram neste campo de batalha, e em especial para com aqueles que nele tombaram defendendo a Pátria.

Também por essa razão, a memória com que nos confrontamos nestas Comemorações tem um impacto estratégico presente e futuro.

Porque impede que as atuais e as futuras gerações se esqueçam dos sofrimentos que a guerra impõe a todos aqueles que a vivem – vencedores ou vencidos, soldados ou civis, em solo nacional ou em territórios afastados das fronteiras naturais.

Mas que lembra, também, que mesmo nos piores e mais desesperados momentos, é possível mobilizar as melhores capacidades para sobreviver e para vencer.

Por isso, nos dias de hoje, devemos ter como referência o exemplo dos combatentes das trincheiras de La Lys, o seu sentido patriótico, a sua coragem e a sua esperança.

Mas nesta ocasião é justo que recordemos, também, todos os Combatentes que, em múltiplos e diversificados teatros, têm vindo a defender a Pátria que é sua.

Dos Combatentes da Índia, de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique aos que têm estado integrados nas Forças Nacionais Destacadas que, mais recentemente, têm vindo a ser empenhadas em missões humanitárias ou de paz.

Nestas missões, os nossos parceiros reconhecem a qualidade da capacidade militar portuguesa, o excelente nível operacional, a integração exemplar com os seus congéneres internacionais e a facilidade de relacionamento com as populações.

Atrevo-me a dizer que, também aqui, nesta zona da Flandres, o envolvimento da comunidade local nas celebrações do 9 de abril decorrerá, pelo menos em parte, do tipo de relacionamento que, há quase um século, ligou portugueses e franceses num período terrível das suas vidas.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Não sei se será ousadia da minha parte dizer que na nossa História contemporânea nunca, como em La Lys, foram colocados à prova o sentido patriótico, a coragem, a esperança e a combatividade dos nossos militares do Corpo Expedicionário Português.

Em circunstâncias históricas e operacionais bem estudadas e divulgadas, recordamos, com grande honra e orgulho, os nossos soldados do Corpo Expedicionário Português.

Pese embora as condições em que o Corpo Expedicionário Português esteve em campanha em França, que não podemos nem devemos ignorar, o desempenho militar e operacional do Soldado português que aqui combateu honrou as tradições militares do País, o uniforme que envergava, a Pátria que servia e a Bandeira que jurou defender.

Para perpetuar a memória, a honra e a dignidade dos Portugueses que tombaram em combate, o Ministério da Defesa Nacional, através da Liga dos Combatentes, tem vindo a intervir ao nível da recuperação dos Cemitérios de Richebourg e de Boulogne-Sur-Mer, para além da intervenção que vem sendo feita, no âmbito do Programa “Conservação das Memórias”, nos Países Africanos de Língua Portuguesa, como é o caso de Moçambique e da Guiné-Bissau.

Com o mesmo espírito, iremos proceder a obras de conservação e restauro das telas alusivas à I Guerra Mundial, do Pintor Sousa Lopes, que se encontram expostas nas Salas da Grande Guerra do Museu Militar de Lisboa.

Consciente da relevância, nacional e internacional, do Centenário da I Guerra Mundial, que se assinalará no próximo ano, o Ministério da Defesa Nacional nomeou uma Comissão Coordenadora das Evocações, que integra representantes de cada um dos Ramos das Forças Armadas, da Liga dos Combatentes e da Comissão Portuguesa de História Militar.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Para além da evocação da História dos Estados e daqueles que a foram construindo, cerimónias como aquela que aqui nos junta servem para tornar atuais os ideais dos grandes construtores da Europa.

Os quais, tendo como pano de fundo os dois grandes conflitos mundiais, sonharam edificar, em meados do Século XX, um quadro europeu duradouro e sustentado de paz, segurança e desenvolvimento.

Temos um dever, perante os nossos Concidadãos, mas também e sobretudo perante aqueles que ajoelharam no campo de batalha, dando a sua vida.

Devemos prestar-lhes homenagem, honrar a sua memória, e contribuir para criar uma Europa orientada para a estabilidade e o bem-estar dos seus Cidadãos.

Hoje mais do que nunca.

Numa construção diária que a todos envolva.

E onde a solidariedade continue a ser princípio fundador.

Obrigado.